

Brasil rejeita lições de direitos humanos

Rio - O secretário nacional de Direito Humanos, José Gregori, disse ontem que o Brasil não vai admitir receber "lições de direitos humanos" de nenhum outro país. Durante a mesa-redonda sobre o tema na 17ª Conferência Nacional dos Advogados, o secretário afirmou ainda que "nenhum país deixou de cometer infrações graves contra os direitos humanos e todos têm telhado de vidro". Para ele, a "arrogância" e o "complexo de superioridade" demonstrados por outros governo representam um resquício de "imperialismo". Gregori não nominou os países a que se referia.

O secretário, no entanto, reconheceu que o Brasil ocupa uma posição pouco lisonjeira no ranking das nações mais violentas do mundo. A lista é liderada pela Colômbia, que tem 70 assassinatos em cada 100 mil habitantes por ano. O Brasil alterna-se entre a quarta e quinta classificações, com

de 20 a 22 homicídios para cada 100 mil habitantes.

"O Brasil é um dos países mais violentos do mundo e, dentro desse quadro, temos de viver a conversão da teoria e da letra de lei, uma das mais avançadas na América Latina, para a prática", apontou.

Considerado um dos principais especialistas latino-americanos em direitos humanos, o advogado argentino Eugênio Raúl Zaffaroni defendeu que o fim da ideologia da segurança nacional, que teve seu auge nas ditaduras militares dos anos 70, não significou necessariamente avanço na questão da violência e da tortura. "Quando muda o poder, mudam as formas de violação dos direitos humanos", afirmou. Segundo ele, a região vive um esvaziamento em suas democracias: a destruição dos Estados que classificou como "providentes" não foi seguida da construção de um Estado regulador das economias de mercado.